

PORTO NACIONAL

UM RIO DE HISTÓRIAS





INTRODUÇÃO

A publicação *Porto Nacional – um Rio de Histórias* que você tem em mãos reúne as lembranças contadas por 21 moradores do município a alunos de 13 escolas de Porto Nacional. As histórias dos moradores foram ouvidas por meio de entrevistas de histórias de vida realizadas pelos alunos.

O Projeto Memória Local na Escola tem como objetivo valorizar as histórias de vida das pessoas da comunidade. Ao longo do ano de 2018, foram realizados encontros mensais com 22 professores do Ensino Fundamental (regular e EJA), envolvendo 356 alunos.

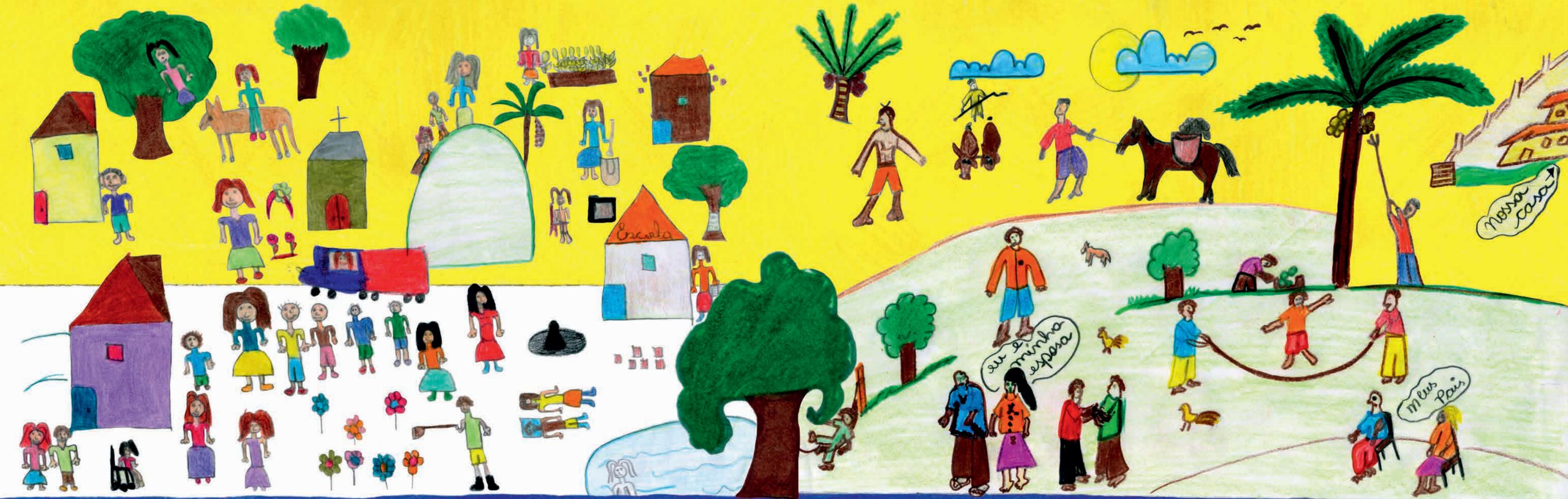
A cada relato são revelados diferentes olhares para a cidade, seus locais e sua história, compondo percepções individuais com a história coletiva do município de Porto Nacional.

Convidamos todos a conhecer as histórias dos moradores, mas antes não podemos deixar de agradecer aos moradores que compartilharam suas histórias de vida e aos alunos e educadores, que participaram e se empenharam muito no desenvolvimento do Projeto Memória Local na Escola.

Esta ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2018 (Pronac nº 17.7422) realizado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com apoio do Instituto Avisa Lá e patrocínio da Bayer.

Boa leitura!

PORTO NACIONAL



UMA VIDA DE LUTAS E

SONHOS



ANA LUCIA



Luta e sonho. Esse pode ser o resumo da vida de **Ana Lucia Gonçalves de Macedo**. Quando nasceu, em Porto Nacional, foi pega por uma parteira, que por acaso era sua bisavó. Passou sua infância no Jardim Municipal e conta que este período foi conturbado: começou a trabalhar muito cedo, aos 7 anos de idade, como babá, olhando uma criança; no período da tarde, estudava. Ao ver o sofrimento da mãe lavando roupa em um córrego para sustentar seus irmãos, o maior objetivo de Ana Lucia passou a ser passar em concurso público. E ela conseguiu realizar este sonho, ao trabalhar em uma creche como monitora.

Casou-se no ano de 1996, antes de passar no concurso para a educação. É uma pessoa comunicativa, alegre, acredita em sua intuição e não guarda mágoa, ama dançar, não gosta de cozinhar. Pensa que devemos correr atrás dos objetivos e acreditar nos sonhos. É filha de Maria Judith e de Domingos Aires de Macedo, mais conhecido como Domingo Boy, filho da Teodora, a Tia Dorinha, uma pessoa importante na comunidade de Porto Nacional.





FIRMINO

A infância de **Firmino Rocha** foi sofrida: morava em uma fazenda do município de Brejinho de Nazaré, numa casa coberta e cercada de palha de piaçava, com apenas dois cômodos, onde viviam seus pais e mais nove irmãos. Começou a trabalhar com 10 anos de idade vendendo buriti na cidade de Porto Nacional; com o dinheiro ajudava seus pais na compra de alimentos.

Aos 15 anos, seu maior sonho era ter uma bicicleta para facilitar as vendas dos produtos que iam da fazenda para a cidade. O seu pai, observando o trabalho e o sofrimento para ir à cidade, deu-lhe uma leitoa para cuidar e, em seguida, vender para posteriormente comprar uma bicicleta. Com 16 anos mudou-se para a cidade de Porto Nacional e começou a trabalhar como servente de pedreiro. No fim de semana recebia o dinheiro dos dias trabalhados e fazia as compras para levar

à fazenda, ajudando seus pais a cuidar dos irmãos. Vendo que poderia fazer algo mais, comprou um lote e construiu um barraco, trazendo toda a família para a cidade.

Com 24 anos de idade conheceu o grande amor da sua vida, Edileide. Casou-se e começou a construir uma grande família; as irmãs Zilda e Nilza ofereceram o seu primeiro almoço de casamento. Padre Luzo era seu padrinho de batismo e, vendo seu trabalho com grande dificuldade, ajudava financeiramente. No ano de 1997 começou um trabalho voluntário na associação de bairro Alto da Colina e ajudou na organização do bairro durante uns sete anos, junto com a comunidade. Fizeram um abaixo-assinado pedindo a criação de uma escola para o bairro. Pelo empenho da associação de moradores do bairro, foram criados vários cursos de formação profissional, o que ajudou muitas famílias.





GRACILENE

Gracilene Thiago dos Santos teve uma infância difícil. Quando era criança, precisava ir para a escola a pé ou a cavalo, pois não tinha outro tipo de transporte. Seu material escolar era levado dentro do saco de arroz. Sua família era grande e muito simples. Gracilene teve 12 irmãos e foi a única a fazer faculdade; os irmãos tomaram um caminho incerto. Ela fez a faculdade de pedagogia e isso foi bom, pois com o seu trabalho pode ajudar seus pais, que são muito doentes. Sua mãe sofre de amnésia e isso a deixa muito triste.



Jurandina Maria Macedo nasceu no dia 10 de setembro de 1974, em Dianópolis, no Estado de Tocantins. Quando criança, morava na fazenda e foi educada pela sua mãe, que era lavadeira, sem a participação de seu pai no dia a dia. Ela brincava com boneca de milho e também tinha dois animais de estimação: um gato e um cachorro.

Gostava de ouvir histórias contadas pela sua mãe. Jurandina aprendeu a ler sozinha, porque sua querida mamãe não sabia ler direito, e logo passou a ter gosto pelas histórias.

Sua infância foi difícil, pois não conheceu seu pai. Começou a trabalhar aos 12 anos para ajudar sua mãe na roça. Seu primeiro emprego foi de doméstica, e o dinheiro que ganhava era usado para comprar seus materiais escolares.

Jurandina terminou o ensino fundamental e a sua matéria preferida era matemática. Não teve oportunidade de fazer uma faculdade, pois precisava trabalhar.

Ela teve dois filhos: Fagner e Juliana. Trabalha hoje como doméstica e a coisa mais importante para ela são seus filhos. Seu passatempo é o trabalho.

O sonho de Jurandina é ter uma casa para morar com seus filhos.



MARIA AUXILIADORA

Dona **Maria Auxiliadora Matos de Brito** nasceu no dia 4 de setembro de 1949, na cidade de Porto Nacional, quando era ainda Goiás. Filha de pais humildes, ela nasceu antes do tempo, devido a um acidente ocorrido com a sua mãe, que queimou a barriga. Por isso também sua mãe não teve como amamentá-la. Foi então que as Freiras Dominicanas ficaram comovidas com a sua situação e passaram a cuidar dela e da sua mãe. Naquele tempo, o Colégio Sagrado Coração de Jesus era um internato somente para meninas.

Ela teve nove irmãos, um deles já falecido. A sua infância, apesar dos momentos difíceis, foi boa. Aos 7 anos de idade, começou os estudos no mesmo colégio em que morava. Foi sempre bem esforçada, tirava boas notas e nunca perdeu ano. Além disso, tinha

uma linda voz – só precisava ser trabalhada. Então o seu padrinho, que era o bispo da cidade, Dom Alano, viu seu talento e resolveu ajudá-la, pagando um curso de voz durante um ano e meio, em que ela se destacou muito e passou a fazer shows em várias escolas.

Dona Maria Auxiliadora foi uma das primeiras cantoras de Porto Nacional e ganhou o primeiro festival de música dessa região, concorrendo com 20 cidades. Casou-se ainda nova, teve seis filhos maravilhosos, como ela diz. Formou-se em enfermagem. Depois ficou viúva e teve que criar os filhos sozinha. Hoje ela tem treze netos e dois bisnetos. Trabalhou 30 anos na saúde e agora está aposentada.





EU VIM DE
LONGE

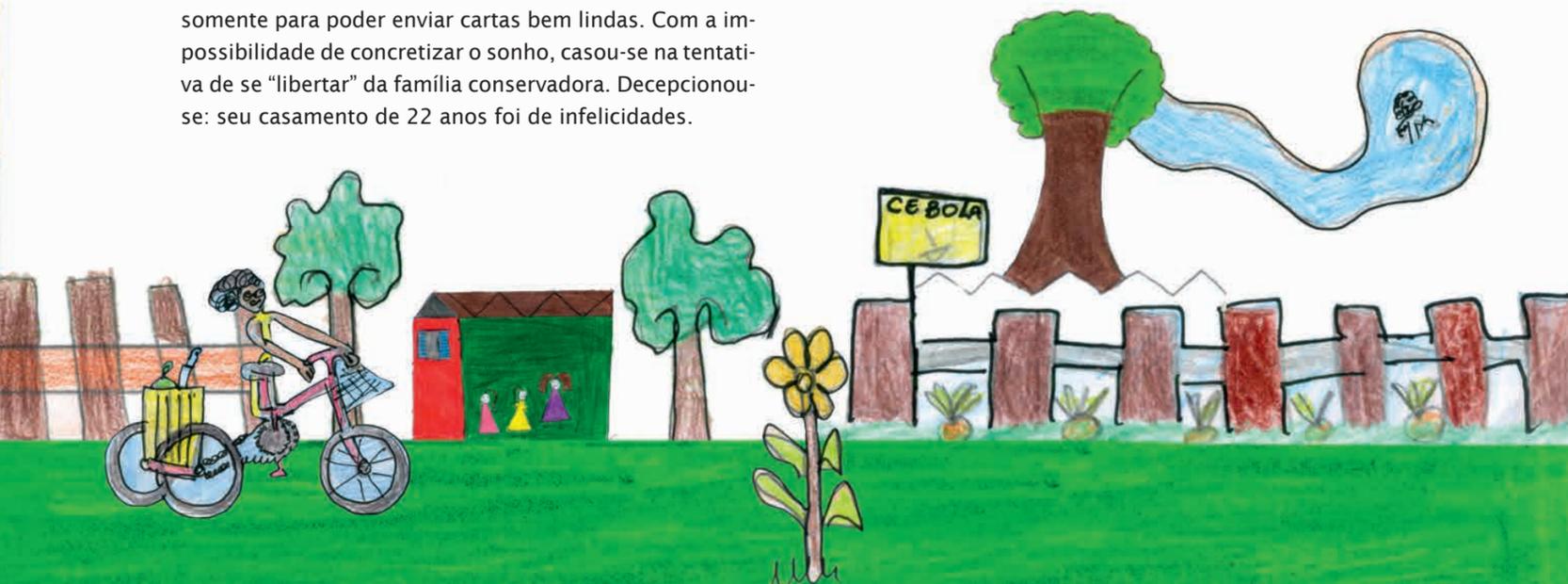


DIONÍSIA

A piauiense **Dionísia Pereira Lima**, carinhosamente conhecida como Dona Dió, nasceu em 1954. Dona Dió, que é a quarta filha de um total de oito irmãos, sempre teve a roça como companhia, e não à toa veio ao mundo em meio a uma colheita de arroz. De origem humilde e pais rígidos, Dona Dió nunca foi de amizades, trabalhava arduamente e não tinha tempo para essas coisas de hoje em dia. Como ela mesma diz: "Na época que morávamos na roça, não tínhamos rádio, televisão, nem relógio! Conhecíamos as horas pelo sol, o cantar do galo, as sombras na casa."

Admiradora da profissão de professor, a risonha e solícita senhorinha conta que seu maior sonho era tornar-se uma e morar num lugar bem distante de seus familiares, somente para poder enviar cartas bem lindas. Com a impossibilidade de concretizar o sonho, casou-se na tentativa de se "libertar" da família conservadora. Decepcionou-se: seu casamento de 22 anos foi de infelicidades.

Com o fim do casamento, Dona Dió ainda passou por muitas provações até se estabelecer no reassentamento Córrego do Prata, lugar de temperatura elevada e uma imensidão de poeira. Em meio a isso, Dona Dió começou a dar vida à paisagem que até então era seca e desértica, dando o pontapé inicial ao trajeto de extrema importância na sua vida. Figura icônica na comunidade, Dona Dió nunca aprendeu a andar de bicicleta ou conduzir qualquer outro tipo de veículo. Em uma viagem até Goiânia para visitar sua filha, viu uma senhora andando num triciclo, encantou-se... Resultado? Conseguiu adaptar-se e conduzir o triciclo com maestria. Agora, por onde passa, é reconhecida imediatamente como a Dona Dió do Triciclo.





HELOÍSA

Heloísa Lotufo Manzano nasceu em Santos, no Estado de São Paulo, onde morou até os 5 anos de idade. Filha de arquiteto e costureira, passou sua infância numa vila. As casas eram bem próximas umas das outras e não havia muito movimento de carros, pois só podiam entrar os carros das famílias que moravam lá. Por isso, podia andar de bicicleta e patins, suas brincadeiras preferidas. Sempre estudou em escola particular e achava que, quando crescesse, seria professora, pois admirava a maneira como seus professores tratavam e ensinavam seus alunos. Mais tarde, seus pensamentos sobre o futuro foram mudando. Pensou em fazer enfermagem e depois decidiu ser médica, sempre aproveitando as oportunidades de cuidar de pessoas, especialmente de crianças. Veio para Porto Nacional (na época Estado de Goiás), como residente, num grupo de cinco médicos,

uma enfermeira e um assistente social, trabalhar no Hospital Regional. Muitas expectativas e o desejo de “mudar o mundo”. O hospital era bem equipado e com um grande número de funcionários, poderia realizar um bom trabalho, o que realmente aconteceu. Juntamente com seus colegas, teve a ideia de abrir uma espécie de “creche”, onde as crianças passavam o dia, recebendo atendimento médico e alimentação adequada. Era muito difícil, pois não havia recursos e tudo o que recebiam eram doações, mas ainda conseguiram trabalhar por sete anos. Tempos depois, o projeto foi reiniciado, agora com o nome de Centro de Educação e Recuperação Infantil (Ceri), mais conhecido como Centrinho. Hoje são atendidas crianças de famílias carentes que necessitam de orientações e cuidados contra a desnutrição.

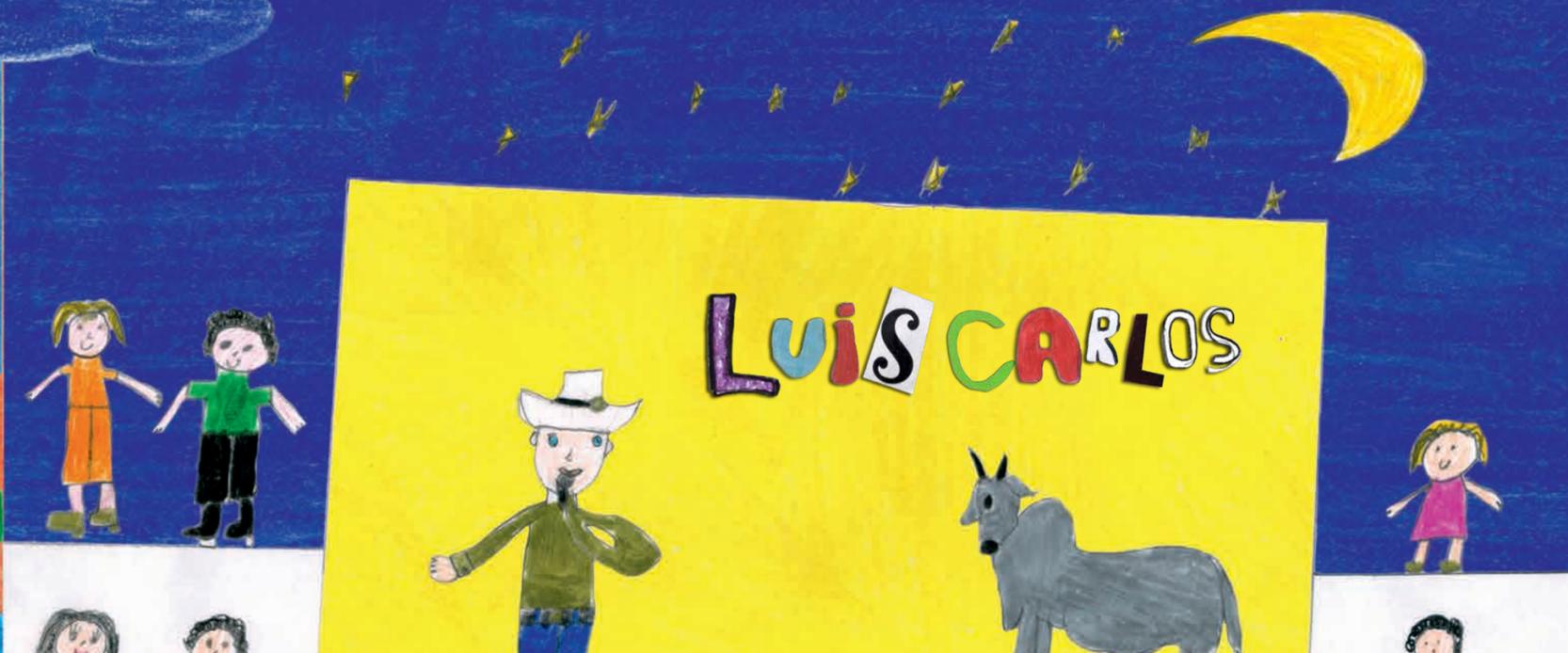
BRINCADEIRAS E TRAVESSURAS



ELIANE

Eliane Ribeiro da Silva nasceu no dia 8 de setembro de 1981, em uma fazenda no município de Pindorama, Goiás, que passou a ser do Estado do Tocantins. Em sua infância, morava com seus pais e seus nove irmãos, na casa dos seus avós. Seus vizinhos mais próximos eram seus familiares, como tios e primos, porque outro tipo de vizinhança morava muito longe; para ir até eles, teria que ser a cavalo. Seus pais trabalhavam em lavouras.

Quando era criança, gostava muito de brincar com seus irmãos e primos. Subiam em serras, pegavam conchas de buriti, levavam pro alto da serra e desciam montados. Eliane vivia machucada de tanto subir e descer serras; adorava tomar banhos em córregos e subir em árvores. Teve um dia em que Eliane subiu em um pé de abacate muito alto para se esconder de sua mãe e não lavar a louça. Sua mãe ficou o dia todo procurando Eliane, que só desceu da árvore às 7 horas da noite, mas não adiantou nada: mesmo assim teve que lavar a louça e ainda levou uma surra!



Luiz Carlos Medeiros Silva, mais conhecido entre os amigos como Carlão Silva, vem de uma família humilde de sete irmãos, sendo ele o mais velho de todos. Desde cedo, teve que ajudar os pais, trabalhando na venda de peixe na feira e nas ruas da cidade, ainda assim teve tempo para estudar e brincar.

Na escola, ele considerava seus professores como os seus segundos pais, mas, como todo garoto, gostava de fazer uma “baguncinha” e, sempre que recebia bilhete de sua professora, ele escondia de seus pais. No entanto, quando eles descobriam suas travessuras, Carlão levava uma leia! Suas brincadeiras preferidas eram jogar bola no campo com seus amigos, soltar pipa, pião e peteca. Ele aproveitou muito esse tempo de sua infância.

Na juventude, gostava de ir à praia que se formava no rio no período de estiagem, nas ilhas no meio do rio, onde tinha momentos de lazer para todos os que vinham para a cidade no mês de julho. Hoje, essa atividade já não existe mais, pois, com a construção da Hidrelétrica do Lajeado, essas ilhas foram todas submersas pela água do lago. Ele tem muita saudade e lamenta que outras pessoas não possam ter esses momentos.

Seu primeiro emprego foi locutor de carro de som, mais tarde se tornou locutor de rodeios e atualmente é locutor da rádio local (Rádio Porto FM 87,9).





Marlene Vieira de França nasceu em Porto Nacional em 1964. Ela é técnica de enfermagem, assistente social e merendeira. É filha de um cabeleireiro chamado Adelson Vieira de França e uma costureira religiosa com nome de Camerina Vieira de França.

Na infância morava numa casa simples com fogão caipira, sem cimento nem muro, com uma cisterna no quintal, de onde puxavam a água com balde amarrado com uma corda para beber, lavar roupa e louça. A vizinhança era pequena com poucas casas separadas por arame. Ela costumava brincar na casa da vizinha, onde morava seu namoradinho de infância.

Naquela época, as crianças brincavam na rua de cai no poço, esconde-esconde, pega-pega, de subir nas árvores e nadar no córrego, um lugar chamado Lavadeira. Um dia, a mãe mandou pegar água na bica da Lavadeira e entregou sua botija preferida. Ela foi com a botija pegar água quando um menino atravessou na frente dela. Marlene empurrou o menino e ele meteu a mão na botija que caiu no chão e rachou. Ficou com medo de ir para casa, mas foi mesmo assim, levou uma peia e ficou com couro quente.

Ela estudou na Escola Irmã Aspásia. Naquele tempo, os alunos respeitavam os professores. Para entrar na sala precisavam ficar em uma fila, num sol quente, rezando pai-nosso e ave-maria.

Nas férias, em dezembro, ela e seus irmãos iam para a casa da avó para rezar o "terço" e hoje é uma tradição familiar: ir à casa de um parente para rezar esse terço.

Na adolescência, parou de estudar e começou a trabalhar cedo lavando roupa no rio. Aos 14 anos, Marlene se casou. No casamento, o seu pai fez uma festa simples, mas para ela foi uma festona. Tinha uma mesa com um balde de suco, vinho, uma bebida chamada chapinha, tocava um disco de forró numa radiola e eles dançaram muito. Dona Marlene teve três filhos. Morou também em outros lugares, como Paraíso, Pará e Gurupi. Depois voltou para Porto Nacional. Ela gosta de morar na cidade, mas sente falta de como Porto Nacional era antigamente. Antes, as pessoas podiam ficar sentadas na porta da rua, tinha poucas casas, não tinha perigo, não tinha assalto, nem asfalto.

HISTÓRIAS DE ESCOLA



GOIACI

No dia 1º de outubro de 1947, na cidade de Porto Nacional, nasceu **Goiaci Lopes Pereira**. Seu pai era Argemiro Pereira Assunção e tinha 74 filhos! Em dias de compras, esses filhos faziam fila no mercado para buscar alimentos para o sustento; ele carinhosamente tinha o gosto de manter seus filhos. O pai da professora aposentada era escrivão do cartório e sua mãe era doméstica.

Durante sua infância, ela costumava fabricar bonecas de pano e brincava de lecionar para essas bonecas. Formou-se no curso Técnico em Magistério e, em uma das aventuras da vida, em uma festa, conheceu seu esposo e, depois de quatro anos e quinze dias de namoro, eles se casaram em 1972, em Porto Nacional. Ela teve nove filhos, desses faleceram cinco. Dona Goiaci vivia muito feliz até que um dia a tristeza ocupou seu coração: um grave acidente levou seu amado esposo a óbito.

Nessa época, já trabalhando como professora, vivia uma realidade muito difícil: as salas de aula eram bem pequenas e com muitos alunos, em torno de 40, vindos de vários lugares. Na turma havia crianças que residiam em outras comunidades. Dona Goiaci, sem medir esforços, ia buscá-las de canoa todos os dias para virem até a escola. Na sala de aula, contava com os mínimos recursos possíveis, apenas lápis, caderno, borracha e quadro-negro com giz. Além de ser professora, ela também exercia a função de merendeira. Dona Goiaci se aposentou e continua cuidando de crianças. Hoje mora com suas netas e acompanha todas elas nos afazeres domésticos e na vida escolar.

Continua colaborando e lutando por uma sociedade mais justa e participativa. Costuma cativar as pessoas com sua simpatia e companheirismo.



Na sua infância, **Nelsilene Alves dos Santos** vivia junto com seus pais e nove irmãos. Seu pai trabalhava num garimpo e sua mãe era dona de casa. Moravam num bairro pobre, sem asfalto; sua casa era de madeira e barro. Seu pai era bravo e educou os filhos muito bem, ensinando respeito e valores.

Ela ia pra escola a pé, pois era próximo de sua casa. Seu pai lhe ensinou a ler antes de frequentar a escola. Ele não estudou, porque teve que trabalhar na roça muito cedo, mas aprendeu a ler com uma cartilha que ganhou de presente e, quando teve seus filhos, ensinou todos a ler e os incentivou a ir à escola.

Nelsilene gosta de estudar e sempre foi uma aluna dedicada e estudiosa. Certo dia, ao chegar à escola, ganhou um balão rosa que lhe foi retirado por uma funcionária, o que a deixou muito triste e magoada, por ela não o ter devolvido. Isso a marcou muito.

Ao chegar da escola, ia com seus irmãos para o rio perto do garimpo, onde pegava pepitas de ouro. À noite gostava de se reunir com suas amigas e primas e cantar para elas. Começou a ir a festas junto com seus pais, que vendiam frango assado e pipoca, mas gostava mesmo era de ir à igreja com uma vizinha.

Na sua juventude foi morar na capital e trabalhou como doméstica e babá. Ela sempre foi muito estudiosa: passou no concurso da prefeitura de Porto Nacional como merendeira e depois fez faculdade de assistente social, tornando-se assistente administrativa da Escola Deasil Aires.

Conheceu seu marido num encontro da igreja. Casaram-se e tiveram dois filhos, que são as coisas mais importantes de sua vida. Sonhava ser policial, cantora e fazer faculdade de direito, só que não teve condições. Não conseguiu ser uma policial, mas o sonho de cantora foi realizado: já gravou CD e canta em Porto Nacional e cidades vizinhas.





Joana Gomes de Oliveira nasceu no dia 4 de julho de 1968, na Fazenda São José, em Taquaruçu, município de Palmas, Tocantins, antigo norte de Goiás. O seu pai era lavrador e sua mãe, do lar. Com ela, seus pais tiveram dez filhos, sendo oito meninas e dois meninos. Teve uma infância muito simples, vivendo na Fazenda São José, com seus pais e seus irmãos. Gostava muito de brincar de pular corda, jogar bola, cair no poço, nadar, cantar e estudar. O seu maior sonho quando crescesse era ser cantora. Tem duas lembranças marcantes da infância: a sua professora Terezinha Alves Moreira, do 1º ano, que era muito meiga e carinhosa na maneira de tratá-la, e como ia para a escola, que era a pé com os seus irmãos.

Veio morar em Porto Nacional aos 13 anos para continuar estudando. Por uns tempos, morou com alguns irmãos e, em outros tempos, com os seus tios, trabalhando como babá para continuar estudando. Para ela era mui-

to difícil, por que não era a mesma coisa de quando morava com os seus pais.

A sua juventude foi muito boa, teve muita liberdade, os pais sempre aconselhavam-na a fazer as coisas certas e ela era muito obediente: gostava de escutar seus pais. Conheceu o seu esposo João Negre, com quem teve suas duas filhas, Lorrane dos Anjos e Graziella dos Anjos, que são seus maiores tesouros. Mais tarde se separou do seu esposo, criando suas filhas sozinhas.

O seu sonho era ser cantora, mas decidiu ser professora quando passou a ser catequista para uma turma na Igreja Cristo Operário, optando por fazer o curso de Magistério. Atuou como professora por muitos anos, mas por causa de um problema na fala, por ter forçado a voz em sala de aula, teve que se afastar e ser desviada de função. Há oito anos trabalha como bibliotecária, mas sempre dá suporte com a sua profissão de professora.



MANOEL

Manoel Gomes Neto, homem de 66 anos, nasceu em Goiás e tem oito filhos. Estudou até o 3º ano do Ensino Fundamental e começou a trabalhar com apenas 14 anos na lavoura.

Em 1967, veio para Porto Nacional para trabalhar. Casou-se e foi trabalhar em um comércio. Há quatro anos, o senhor Manoel é funcionário da Escola Municipal Padre Luso Matos na função de vigia diurno.

Um homem simpático, sorridente, gente boa, protetor, pessoa tímida, de pouca conversa e muito responsável pelo trabalho e pelos alunos.

VIDA NA LAVOURA



JOAQUIM

Seu **Joaquim Dionísio Santos** nasceu no dia 19 de agosto do ano de 1949, no município de Chapada de Natividade, no Estado do Tocantins. Na infância, morava em uma casinha de adobe com oito irmãos e começou a trabalhar cedo na lavoura com o seu pai. Com apenas 8 anos de idade, já cortava árvores com o machado e preparava o terreno para o plantio. Quando terminava seus afazeres, partia para as fazendas vizinhas para trabalhar e, em troca, receber porcos, galinhas, arroz e feijão. Desse modo, ajudava no sustento da família.

A brincadeira preferida dele e de seus irmãos quando criança era “cavalo de pau, subir no pé de tamarindo”. Brincar disso os deixava mais próximos uns dos outros.

Seu Joaquim tinha muita vontade de ir à escola em busca de estudo, porém era impedido por seus pais, que acreditavam que o trabalho era a forma de dignificar o homem, e ajudar no sustento da família era uma das suas missões.

Aos 18 anos de idade, saiu pelo mundo em busca de trabalho, conheceu vários lugares e pessoas, entrou para o Exército brasileiro, lugar onde sofreu muito. O sargento que o acompanhava era bastante rígido e cruel; nesse período, acabou adoecendo e abandonou a carreira militar.

Um colega o convidou para ir até a escola, matriculou-se e aprendeu a escrever. A escola ficava a 2 km da casa onde morava; estudou no período noturno e trabalhava no período diurno.

Hoje em dia continua trabalhando na lavoura e os alimentos produzidos são comercializados, uma boa parte usada para o sustento da família. Mora em uma propriedade rural no município de Porto Nacional, no Assentamento Flor da Serra.

WALDECY



Waldecy da Silva Matos nasceu em 11 de agosto de 1938, na região do Jalapão, em uma comunidade quilombola chamada Mumbuca, antigamente Estado de Goiás, atual Estado do Tocantins. Sua família veio da Bahia. Junto com sua mãe, seu pai e mais 14 irmãos, Waldecy saiu fugido da comunidade Mumbuca devido a um grande surto de malária, indo para Porto Nacional no ano de 1969. Levando no lombo de cavalos o que conseguiram carregar, fizeram um percurso de 300 km! A maioria de seus irmãos eram muito pequenos, e seu Waldecy tinha pena de vê-los caminhando naquela longa jornada.

Na chegada a Porto Nacional tudo era um imenso cerrado e a família escolheu morar em uma grande fazenda dividida por pequenas chácaras, que depois foram divididas em setores. Ali não tinha nada e só com a vinda de outras pessoas, depois de muitos anos, é que a prefeitura começou a construir a escola Dr. Euvaldo Tomaz de Souza, bem de frente à sua casa. Waldecy participou dessa construção como voluntário, cedendo um espaço de sua casa para que os operários pudessem guardar os instrumentos de trabalho.

Todos os nove filhos de seu Waldecy passaram pela escola, até ele próprio, pois sentia a necessidade de voltar a estudar: já era funcionário público e precisava do histórico escolar para apresentar no seu trabalho. Seu Waldecy relata que, na época em que passou no concurso, bastava somente ler e escrever e ter a 4ª ou 5ª série, não era tão difícil quanto hoje. Ele foi o primeiro aluno da modalidade EJA.

Seu Waldecy conta que seu pai e alguns irmãos já se foram, mas sua mãe, hoje com 98 anos de idade, e que dez dos seus irmãos ainda estão vivos e moram todos bem próximos. Todos os dias se reúnem para lembrar as passagens de infância, a vida dura na roça, as brincadeiras, e a família reunida à noite em volta do fogo. Todos os irmãos de seu Waldecy cuidam da mãe.

Waldecy casou-se com Dona Francisca quando ela tinha 21 anos e ele 23. Moravam na roça, sempre trabalhando duro para criar os filhos, que não demoraram muito para chegar. Ela sempre ao seu lado, na roça e na roda de fiar, pois, quando tinha o tempo livre, costurava as roupas dos filhos.



NA BEIRA DO RIO



MARIA DE JESUS

Dona **Maria de Jesus Mendes de Souza**, conhecida como Maria da Balsa, nasceu no dia 5 de fevereiro de 1955, em Luzimangues, Distrito de Porto Nacional, na Fazenda Lagoinha, onde também passou sua infância. A princípio, não gostava de seu nome, porém, com o tempo, entendeu a grandeza dele, pois Maria foi a mãe de Jesus. E, bem mais tarde, já na sua vida social é que ganhou o apelido de Maria da Balsa, pois morava e tinha um lanchinho na beira do Rio Tocantins, bem onde havia a travessia por meio de balsa. Assim, para diferenciá-la de outras Marias, recebeu esse apelido.

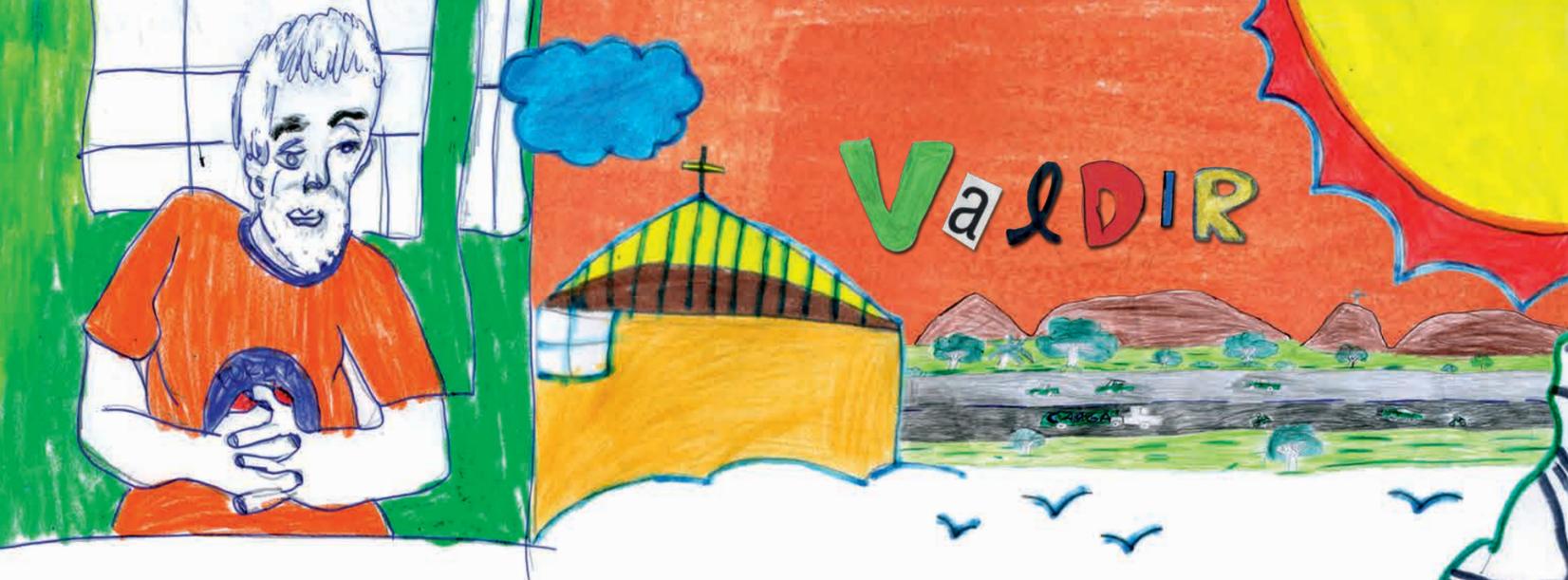
A casa onde Dona Maria viveu até uns 8 anos de idade era feita de adobe e coberta de palha. Mais tarde, seu pai construiu uma casa um pouco melhor na margem do Rio Tocantins (hoje Praia da Graciosa) onde ela morou até se casar. Apesar da vida simples, teve uma infância e juventude muito feliz e tranquila – os bons tempos trazem muita saudade! Maria de Jesus tinha como diversão as brincadeiras de roda. Brincava de pique-esconde, boneca, contava e ouvia histórias, juntamente com os seus irmãos, irmãs e vizinhança. Dançava forró nas tardes

de sábado e de domingo. Banhava-se no rio sem medo, sem riscos. E tinha liberdade para isso.

Estudou em uma escola simples no Canela, onde tinha que atravessar uma lama e ainda pegava uma canoa, passava por uma ladeira para chegar à escola. Época difícil, mas muito boa. Depois de casada chegou a cursar o Magistério e a trabalhar como professora por 17 anos. Também fez curso de enfermagem e ainda trabalhou um ano e quatro meses em Porto.

Maria da Balsa conheceu seu marido, casou-se com 21 anos de idade – com apenas uma semana de conhecimento do futuro esposo – e vivem juntos até hoje. São 43 anos de casada. Tiveram quatro filhos biológicos e três adotivos.

A vida social de Dona Maria hoje é calma e disse que em sua vida foi aquilo que ela quis ser, ou seja, viveu aquilo que ela quis viver. Soube buscar, correr atrás de seus sonhos. Sua vida mudou completamente quando se tornou vereadora em Palmas, pois foi uma grande realização em sua vida.



Valdir Sebastião de Carvalho nasceu na cidade de Goiânia, no dia 21 de janeiro de 1956, filho de Dona Maria Batista de Carvalho e de Joaquim Pereira de Carvalho. Recebeu esse nome porque nasceu no dia de São Sebastião e também porque, antes dele, sua mãe teve outro filho que morreu. Ela fez uma promessa que, se tivesse outro filho, colocaria o mesmo nome nele.

A infância de seu Valdir foi muito boa. Sua brincadeira favorita era jogar futebol. Depois que ficou adulto, passou a gostar mais de pescar uns peixinhos. Sua casa ficava bem perto da escola e de uma igreja, que ele frequentava de vez em quando.

Aos 5 anos de idade, Valdir começou a estudar na Escola Municipal Duque de Caxias, que não era nem grande, nem muito pequena. Estudou só até o 3º ano do ensino fundamental porque sempre que seu pai ia viajar a trabalho o levava junto. Seu pai era motorista de caminhão. Sua avó dizia pro pai dele: coloca esse menino pra trabalhar; homem tem que trabalhar!

Em 1959, com apenas 13 anos de idade, Valdir adoeceu de malária pela primeira vez. Adoeceu de novo tantas vezes depois que ele disse que a malária queria se casar com ele.

Valdir começou a trabalhar muito cedo. Depois de grande, teve poucos empregos. O primeiro foi numa pedreira, onde carregava brita numa caçamba. Foi por pouco tempo, apenas um ano. Trabalhou também no hospital Santa Genoveva como motorista, igual ao seu pai. Esse emprego foi muito bom, pois como a malária não o deixava, sempre se tratava no hospital. Trabalhou tam-

bém na construção de uma estrada para a Fazenda Rio Dourado, onde tem muitas lembranças.

Em novembro 1973, Valdir começou a namorar com Duerita Pereira de Carvalho, sua prima. Namoraram por seis meses, casaram-se e tiveram quatro filhos: Walderita, Cora Francisca, Maria Waldenora e Joaquim.

Seu Valdir gosta muito de animais: tem cachorro, gato, já criou vaca, anta, porco do mato... Não tem medo de nada, mas, quando vê um rato, sente pavor! Ele faz de tudo pra não ter nenhum em sua casa. Tem medo da mordida e de ser arranhado por ele. Teve um papagaio muito querido. Sabe o que ele fazia? Tinha um campo de futebol perto de sua casa e o papagaio voava até lá e ficava na trave todas as vezes em que tinha jogo. Quando a bola entrava na trave, ele sempre gritava: "Gol!" Outro animal que teve foi um tucano. Quando trabalhava na oficina, ele gostava de pegar pecinhas que ficavam por ali. Um dia, o tucano pegou uma pecinha que tinha muita serventia para seu Valdir. Ele teve a ideia de prender o tucano na gaiola, quando ele fez cocô, a pecinha saiu junto. Seu Valdir achou muito engraçado e ainda hoje se lembra desse episódio.

Atualmente, seu Valdir mora em Luzimangues, um distrito da cidade de Porto Nacional, o qual faz parte de sua história. Ajudou na escolha do nome, mas não foi o autor dele. Ele pensou em colocar o nome de Beira-Rio, porque ficava à beira do Rio Tocantins. Lutou pela construção de escolas e por melhorias nesse lugar. Hoje é aposentado e tem uma oficina de carros em sua própria casa. Ele não gosta é de ficar parado.



HISTÓRIAS DE DESAFIOS



Nestor Souza Soares nasceu no dia 11 de setembro de 1977, na cidade de Alvorada, Tocantins. Aos 9 anos, começou a trabalhar com seu pai. O seu grande sonho era ser caminhoneiro, o qual realizou aos 15 anos de idade, quando começou a dirigir.

Aos 27 anos de idade, Nestor sofreu um grave acidente quando dirigia uma caçamba, que bateu em uma árvore e pegou fogo. Suas pernas ficaram presas nas ferragens e tiveram que ser amputadas. Ele conta que, quando acordou, estava internado em um hospital da cidade de Gurupi, Tocantins. Ao acordar, para ele a reação não foi tanto pela perda das pernas, mas sim pelo susto de perceber que estava sem dentes.

Depois do acidente, sua vida mudou completamente. O modo de viver, de pensar e ser. Segundo ele, se tornou uma pessoa melhor, não porque antes fosse uma pessoa ruim, mas por buscar mais oportunidades para viver. Tornou-se uma pessoa mais comunicativa e alegre. Nestor resolveu encarar a vida de outra forma. Procurou a Escola Celso Alves Mourão e se matriculou para estudar o ensino fundamental. Essa escola foi referência na sua nova fase da vida pelo fato de ter sido bem acolhido, ser

tratado como os outros. A partir de então, continuou seus estudos, concluiu o ensino médio e, atualmente cursa duas faculdades (uma de computação, outra de Inglês).

Algum tempo depois, Nestor conheceu um amigo que o incentivou a entrar para o esporte de canoagem. No início, ele recusou, pois tinha medo de que pudesse se afogar. Mas devido à insistência do seu amigo, ele resolveu experimentar. Em 2013 ele iniciou os campeonatos de canoagem. Foi o momento mais difícil de sua nova trajetória de vida, pois tinha que deixar sua família e morar em São Paulo, onde para ele tudo era novo. Mas Nestor sentiu que era necessário enfrentar os obstáculos. Foi quando conheceu outros cadeirantes e procurou logo fazer amizade com o que demonstrava maior desempenho. As dicas que aprendia com o colega lhe davam mais segurança e coragem para superar as dificuldades e conquistar títulos. Com os campeonatos, Nestor conheceu vários lugares no Brasil e conquistou nove medalhas de ouro, algumas de prata e de bronze. Ele destaca que teve a oportunidade de chegar à Seleção Brasileira de Canoagem.



NAZARETH

Nazareth Lopes Dias nasceu no dia 20 de outubro de 1945. Sua infância foi muito sofrida: tinha uma mãe muito brava, que não a deixava sair na rua nem ir à casa das colegas. Quando a sua mãe saía, levava a chave para ela não sair. Sua mãe era adotiva e era parteira, chamava-se Maria Lopes.

Nazareth começou a trabalhar aos 17 anos lavando roupas pra fora e trabalhando de doméstica para ganhar algum trocado. Quando recebia o dinheiro, comprava alimentos para a sua mãe. Na sua vida escolar, ela era uma menina muito comportada - entrava e saía calada da sala de aula.

Casou-se e teve sete filhos, todos homens.



Pedro do Carmo é um homem pequeninho e tem um apelido carinhoso: Pedim. Nasceu no dia 14 de novembro de 1964, em uma fazenda perto de Porto Nacional. Sua família era muito pobre. Seus pais trabalhavam na roça todos os dias e, quando Pedim nasceu, eles pensaram em dar um nome para o nenê que fosse fácil de falar. Pedim tem nove irmãos e somente ele nasceu diferente: o único anãozinho. Durante sua infância, morava numa casa simples na fazenda com seus pais e nove irmãos, que trabalhavam na roça plantando de tudo para sobreviver. Pedim era muito doentinho, com dificuldade de movimentar os braços e pernas e começou a andar depois dos 6 anos. Até seus 15 anos sofreu muito com dores nos nervos e, para amenizar, tomava remédios caseiros.

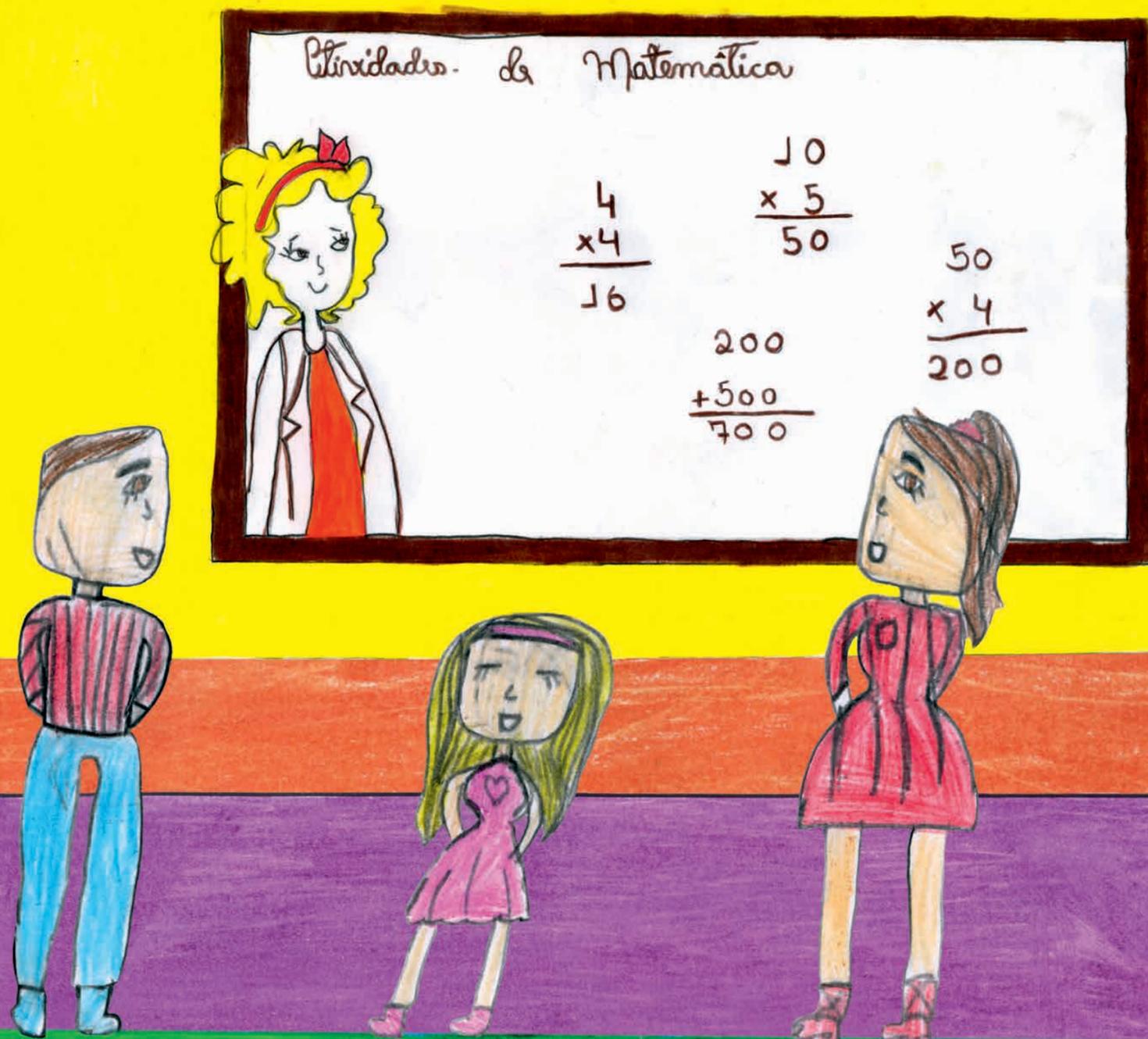
Para estudar ele precisava ir de jumentinho e era muito longe: 4 km, que eram percorridos todos os dias. Na sala de aula, não tinha cadeira nem mesa apropriada para seu tamanho, dificultando o aprendizado. A matéria que ele mais gostava era matemática e até hoje gosta de trabalhar com números. A vida do Pedim na escola não foi fácil, mas alguns colegas sempre tiveram cuidado com ele. Havia uma única professora para quatro séries e, quando alguns não se comportavam na sala de aula, era usada a palmatória.

Pedim sempre sofreu *bullying* por ser anão e até hoje isso acontece, mas não dá importância, pois sabe que as pessoas anãs são inteligentes como qualquer outra pessoa. Trabalhou durante dez anos como professor de datilografia, ensinando as pessoas da comunidade. Ele também foi secretário da Escola Izidoria Quirino dos Santos por muito tempo. Hoje é concursado pela Rede Municipal de Educação e trabalha na Escola Dr. Euvaldo.

Aos 46 anos, Pedro do Carmo casou-se com Samara Ribeiro. Seu casamento foi comunitário e a recepção dos convidados foi na quadra da Escola Municipal Dr. Euvaldo Tomaz de Souza por se tratar de uma pessoa muito querida dessa comunidade local. Moram em uma casa normal no Bairro do Jardim Querido. Relata ainda que sua mulher cuida muito bem dele. Os dois gostam de participar de todos os eventos festivos em sua comunidade principalmente em sua paróquia. Hoje ele participa da Comunidade Católica Cristo Operário, e seu grande sonho é fazer uma faculdade de Letras para melhorar a forma de falar com as pessoas.

Pedim é um homem humilde, educado e atencioso, que gosta de trabalhar e ajudar a comunidade onde vive. Está sempre alegre e sorridente. Sua deficiência nunca o deixou triste. Ele é um homem bem pequenino, porém seu coração é muito grande.





Instituto Museu da Pessoa.Net

Diretora-Presidente
Karen Worcman
Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Instituto Avisa Lá

Presidente
Maria Cristina Meirelles
Coordenadora Executiva
Sílvia Maria Pereira de Carvalho
Coordenadora Adjunta
Cisele Ortiz

Prefeitura Municipal de Porto Nacional

Prefeito Municipal
Joaquim Maia Leite Neto
Vice-Prefeito
Ronivon Maciel Gamma

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Secretária
Shyrleide Maria Maia Barros
Supervisora de Ensino
Maria Martins de Moura
Diretora Municipal de Educação
Gisele Cristine Rodrigues de Oliveira
Coordenação Pedagógica Municipal
Francisca Hilderlene Gonçalves de Oliveira Macedo
Supervisoras
Cristiane de Jesus Gomes
Edna Maria Gomes da Silva
Eva Lopes Sampaio
Ilma Pereira Rodrigues
Ismeralda V. de Lima
Maria Martins de Moura
Railane Cunha Facundes
Sandra Gorete

Projeto Memória Local na Escola – Porto Nacional, 2018

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London
Gestão do Projeto
Renato Herzog

Produção
Ane Alves

Formadoras
Alessandra Ancona de Faria
Ana Carolina Pereira de Carvalho

Escolas Participantes

Escola Municipal Generosa Pinto

Professora
Mirian da Silva Teixeira – 4º ano A
Diretora
Evanice das Graças Fernandes Próspero
Coordenadora
Arlene da Cunha Rosal Aires

Escola Municipal Deasil Aires

Professoras
Karla Silva Pereira – 4º ano B
Sônia Fecundes Corado – 4º ano A
Diretora
Vera Fischer de Oliveira Reis e Silva
Coordenadora
Luanna dos Anjos Lima

Escola Municipal Delza da Paixão

Professoras
Jocilene Alves Ribeiro Silva – 5º ano A
Mara Cristina da Silva Oliveira – 4º ano A
Diretora
Maria das Mercês Ribeiro Lopes
Coordenadora
Valdileria Maria Ferreira Duarte

Escola Municipal Marieta Macedo

Professora
Rosilda Araújo Martins – 4º ano B
Diretora
Tayanne Cristina Fernandes Lustosa
Coordenadora
Janaina Pereira de Santana

Escola Municipal Jacinto Bispo

Professoras
Gláucia Azevedo Glória – 5º ano C
Janaria Rejania R. Sousa – 4º ano B
Diretor
Jucelino de Araújo Ribeiro

Coordenadora
Edilene Soares Rodrigues

Escola Municipal Carmecita Matos Maia

Professores
Elizangela Felix da Silva – 5º ano A
Paulo Sergio Alves de Almeida – 4º ano A
Diretor
Fernando Soares Afonso
Coordenadora
Lucina Carvalho Gama Santos

Escola Municipal Ercina Monteiro

Professora
Juranir de A. Santos – 4º ano A
Diretor
Aloísio Vieira dos Santos
Coordenadora
Laudiceia dos Santos Mendes

Escola Municipal União e Progresso

Professoras
Maria Raimunda da S. Araújo – 5º ano B
Nélia Silva Gama – 4º ano C
Diretora
Eurides Pereira Gloria
Coordenadora
Divina Vieira dos Santos

Escola Municipal Padre Luso Matos

Professoras

Alessandra Nunes Escobar Oliveira - 5º ano A
Nair Santana da Costa - 4º ano E

Diretora

Marinete Ferreira de Araújo

Coordenadora

Ana Lucia Tavares dos Santos

Escola Municipal Celso Mourão

Professoras

Anazir Alves A. Milhomem - 9º ano EJA
Terezinha de Jesus Alves Amorim França - 5º ano A

Diretora

Lucilma Santana F. da Silva

Coordenadora

Milva Ribeiro dos Santos Sérgio

Escola Municipal Dr. Euvaldo

Professoras

Lucimeire Tavares Martins - 5º ano B
Tayanne Cristina Fernandes Lustosa - 9º ano EJA

Diretora

Maria Izidória Pereira Silva

Coordenadora

Elizaura de P. Gonçalves

Escola Municipal Fani de Oliveira Macedo

Professoras

Luzinete Nunes - 5º ano B
Meirinalva Trindade Louça - 4º ano B

Diretora

Antunieta de Souza Araújo

Coordenadora

Giovanete Alves Borges

Escola Municipal Faustino Dias

Professora

Cleusa Costa Marquardt - 4º ano

Diretora

Enedina Souza

Coordenador

Júlio Glésio Ferreira dos Santos

Entrevistados

Ana Lucia Gonçalves de Macedo
Dionísia Pereira Lima
Eliane Ribeiro da Silva
Firmino Fernandes da Rocha
Goiaci Ferreira Lopes Pereira
Gracileni Tiago dos Santos
Heloisa Lotufo Manzano
Joana Gomes de Oliveira
Joaquim Dionizio Santos
Jurandina Maria Macedo
Luiz Carlos Medeiros Silva
Manoel Gomes Neto
Maria Auxiliadora Matos de Brito
Maria de Jesus Mendes Souza
Marlene Vieira de França
Nazareth Lopes Dias
Nestor Souza Soares
Neusilene Alves dos Santos
Pedro do Carmo Ribeiro
Valdir Sebastião de Carvalho
Waldecy da Silva Matos

Publicação *Porto Nacional - um Rio de Histórias*

Coordenação Geral

Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos

Ana Carolina Pereira de Carvalho

Revisão dos Textos

Sílvia Balderama

Produção

Ane Alves

Concepção Expográfica

Renato Theobaldo

Design Gráfico

Fernanda Mascarenhas

Finalização Gráfica

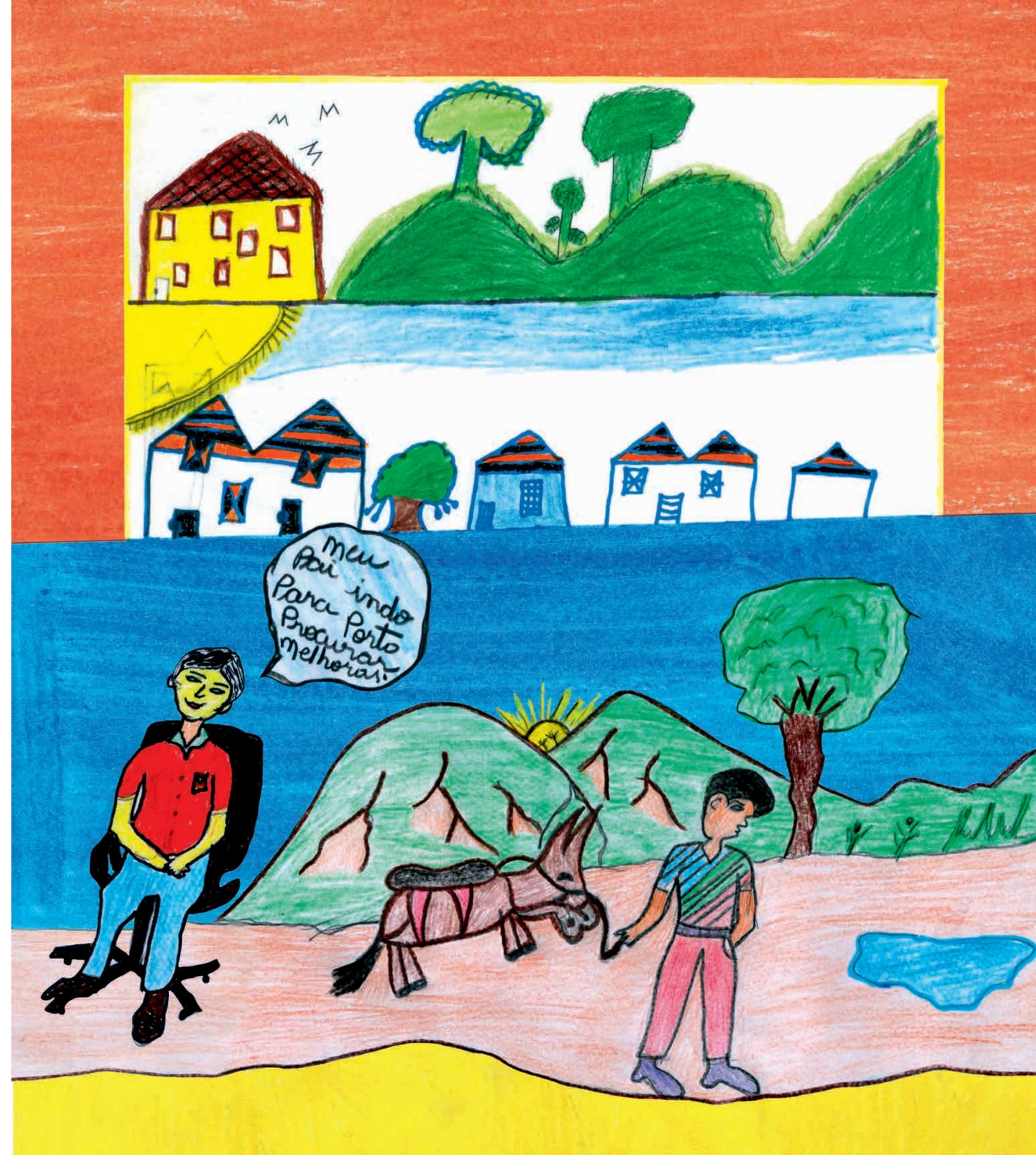
Manar Zind

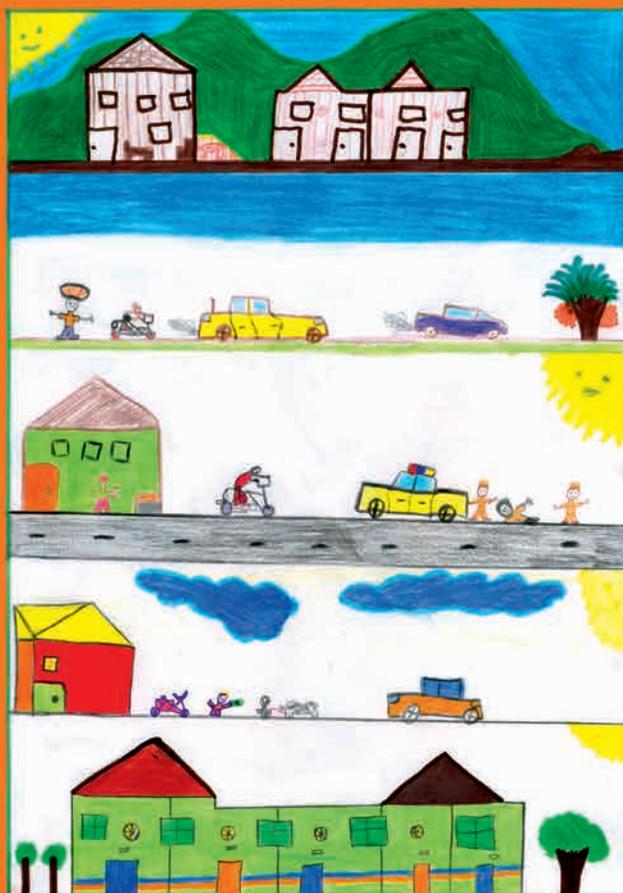
Produção Gráfica

Praxinoscópio

Desenhos

Alunos participantes do projeto





Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

